

Os Ventos que visitam o sono, símbolos do tempo fraccionado, tomam a forma de linhas férteis para se mostrarem à luz. Surgem em conversas íntimas, a prevenir o desassossego da matéria e a revelar o verdadeiro volume da cidade secreta, espaço de contínua memória em que se esbate o confronto entre estar e ficar, em que se diluem os ciclos convencionais e emergem as circunstâncias que permitem viver.

O fluido violento e magoado dos momentos que nascem antes do papel, a alma despojada e reveladora, não são compostas nem sonegadas ao sonho, são bocados iminentes do olhar que constroem um presente flutuante em recusa da necessidade do corpo, pontos minúsculos que saltaram da vida do homem para a vida real.

É na coragem de falar com *eles* e de saber que lhe fazem falta, que o homem se revê e pacifica, que se mistura nesta partilha singular de visões e se assegura da continuação sincera da existência.

Os movimentos emparedados do rio, as frases proféticas e as faces renascidas do degredo comum, numa dor exposta e abreviada que o homem foi renegando e aprendendo com as marés, tornam-se segredos de um sentimento largo, contido, confessado na música perdida do reencontro que se adivinha e nas sombras de outras viagens como passagens breves por ruas esquecidas. E não é no momento que persistem estes olhares de quem começa ou acaba. Vivem no privilégio do irrepitível, recriam-se na memória do homem que os consente e que os conseguiu dizer no claro /escuro. Nas sensações seguras ou confusas que os magoavam ou moviam. Por estar tão perto, tornou-se necessária a distância matemática da luz e dos dias fechados para enrolar o tempo. Para se poderem fixar.

Agora que lhe percorreram o corpo, ficam a contar jogos, histórias da vontade e pequenas crónicas que partem para outras memórias onde farão uma vida normal.

Paulo Santiago

Novembro 95



A pequena galeria do Instituto Português de Fotografia continua a desempenhar-se da missão de ser um espaço privilegiado da Fotografia em Lisboa: espaço onde cabem exposições escolares, que não poderiam estar ausentes da galeria de uma escola, e onde também cabem autores que conquistaram na vida profissional, na actividade amadora, ou porventura em ambos os campos, o estatuto de Fotógrafo.

É este o caso de Guta de Carvalho que hoje apresenta no Instituto Português de Fotografia algumas das suas fotografias "não profissionais".

Fotógrafo jovem, mas já reconhecido no seu País e no estrangeiro, é com prazer que lhe damos as boas vindas e com expectativa que aguardamos o seu encontro, no dia 30, com todas as pessoas que queiram conhecê-lo e com ele dialogar, participando de uma vivência que será enriquecedora.

Augusto de Moraes Sarmiento



GUTA DE CARVALHO

FOTOGRAFIAS

23 Nov. a 15 Dez 95



"Imagens que passais pela retina
Dos meus olhos, porque não vos fixais ?..."

"Sem vós que são os meus olhos abertos ?
-O espelho inútil, meus olhos pagãos !
Aridez de sucessivos desertos ...

Fica sequer, sombra das minhas mãos.
Flexão casual de meus dedos incertos,
-Estranha sombra em movimentos vãos."

Camilo Pessanha *Clepsidra*

